

**DISCURSO DO PAPA BENTO XVI  
NO FINAL DO CONCERTO OFERECIDO  
PELO MAESTRO ENOCH ZU GUTTENBERG**

*Sala Paulo VI  
Sábado, 16 de Outubro de 2010*

**(VÍDEO)**

*Senhores Cardeais!  
Venerados Irmãos!  
Ilustres Senhores e Senhoras!*

No final de uma escuta tão intensa, o ânimo gostaria de se deter em recolhimento, mas ao mesmo tempo sente a necessidade de manifestar o reconhecimento.

Desejo transmitir o meu cordial agradecimento ao Maestro Enoch zu Guttenberg, pelas sentidas palavras que me dirigiu e por me ter querido oferecer este concerto, juntamente com a maravilhosa Orquestra «Die Klang Verwaltung», com o Chorgemeinschaft Neubeuern e com a Familie der Freiherren von und zu Guttenberg. A ele, que dirigiu a execução, aos solistas, a cada um dos orquestrais e coristas transmito o meu agradecido apreço. Obrigado de coração!

Sinto-me feliz por saudar os Senhores Cardeais, os Prelados, sobretudo os Padres sinodais, as distintas Autoridades, e todos vós — entre os quais os pobres assistidos pela *Caritas* diocesana de Roma — que pudestes apreciar esta excelente execução da *Missa de Réquiem* de Giuseppe Verdi. Ele compô-la em 1873, para a morte de Alessandro Manzoni, que admirava e quase venerava. Numa carta é perguntado: «Que vos poderia dizer de Manzoni? Como explicar-vos a sensação dulcíssima, indefinível, nova, produzida em mim na presença daquele Santo, como o chamais?». Na mente do grande Compositor, esta obra devia ser o ápice e o momento final da sua produção musical: não era só a homenagem ao grande escritor, mas também a resposta a uma exigência artística, interior e espiritual, que o confronto com a estatura humana e cristã de Manzoni tinha suscitado nele.

Giuseppe Verdi dedicou-se a perscrutar o coração do homem; nas suas obras ressaltou o drama da condição humana: com a música, as histórias representadas, as várias personagens. O seu teatro está cheio de infelizes, de perseguidos, de vítimas. Em muitas páginas da *Missa de Réquiem* ressoa esta visão trágica dos destinos humanos: aqui tocamos a realidade inevitável da morte e a questão fundamental do mundo transcendente, e Verdi, livre dos elementos do cenário, representa, unicamente com as palavras da Liturgia católica e com a música, a gama dos sentimentos humanos perante o fim da vida: a angústia do homem em relação com a sua natureza frágil, o sentido de rebelião diante da morte, o temor diante do limiar da eternidade. Esta música convida a reflectir sobre as realidades últimas, com todos os estados de ânimo do coração humano, numa série de contrastes de formas, tons, aspectos, nos quais se alternam momentos dramáticos e momentos melódicos, marcados por esperança.

Giuseppe Verdi que, numa famosa carta ao editor Ricordi, se definia «um pouco ateu», escreve esta *Missa*, que nos parece como um grande apelo ao Pai Eterno, na tentativa de superar o brado do desespero diante da morte, para reencontrar o anseio de vida que se torna silenciosa e oração urgente: «*Libera me, Domine*». O *Réquiem* de Verdi abre-se, de facto, com uma frase em *La menor*, que parece quase descer ao silêncio — poucos toques dos violoncelos, muito baixo, em surdina — e conclui-se com a invocação submissa ao Senhor «*Libera me*». Esta catedral musical revela-se como descrição do drama espiritual do homem diante de Deus Omnipotente, do homem que não pode eludir o eterno interrogativo sobre a própria existência.

Depois da *Missa de Réquiem*, Verdi vive uma espécie de segunda «estação compositiva», que se concluirá de novo com música religiosa, os «*Peçzi Sacri*»: um sinal da sua preocupação espiritual, um sinal do seu anseio por Deus está inscrito no coração do ser humano, porque a nossa esperança repousa no Senhor. «*Qui Mariam absolvisti, et latronem exausdisti, tibi quoque spem dedisti*», ouvimos: «Tu que perdoaste Maria (madalena) e satisfizeste o bom ladrão, também a mim deste esperança». O grande afresco musical desta tarde renova em nós a certeza das palavras de Santo Agostinho: «*Inquietum est cor nostrum, donec requiescat in te* — O nosso coração está inquieto, enquanto não repousar em ti» (*Confissões*, I, 1).

Queridos amigos, mais uma vez devemos dar graças ao Senhor que nos concedeu um momento de verdadeira beleza, capaz de elevar o nosso espírito. E ao mesmo tempo devemos agradecer também quem se fez instrumento da divina Providência! Portanto, obrigado mais uma vez ao Prof. Enoch zu Guttenberg, aos solistas, à orquestra e ao coro, e a quantos colaboraram de diversos modos para a realização desta bonita noite. O Senhor doe a todos a sua recompensa.

Obrigado e boa noite!